

A Era pré-cristã – Religião

Religião: a crença na existência de um deus ou deuses, e as atividades conectadas com sua adoração.¹

Ao longo do desenrolar da História, aspectos imanentes no homem se fizeram, portanto intrínsecos em sua vida registrada. Escritos e tradições orais nos revelam que as civilizações que adjetivamos “antigas”, todas elas possuíam e manifestavam cultura, costumes praticados no lar assim como religião. Não poderia ser diferente, e hoje esse saber já é de tal forma presente em todos os homens que não me é preciso ir além para prefaciar o tema principal de nosso estudo ora aqui proposto.

Com relação às civilizações antigas, sabemos por meio dos grandes historiadores à semelhança de Berozo, Manetão, Nicolau de Damasco, Josefo² e registros como a Tábua das Nações, os hieróglifos em ruínas egípcias, o Estandarte de Ur, a Stonehenge e inúmeras outras fontes que, desde o início o homem busca por sua origem e destino. Essa busca é como que um próprio exercício intelectual movente da alma humana, poderíamos dizer que o homem naturalmente investiga o solo por suas pegadas, e olha para os céus em busca de seu futuro. Para se mover, o homem se utiliza dos pés que são a base de seu corpo; para ver, faz-se necessário a cabeça, que está no topo do corpo desse ser ereto. A própria anatomia do homem evidencia ser ele um animal do passado e do futuro, não restrito a seu tempo ou, em palavras opostas, o homem é um animal irrestrito. Nada lhe pode deter, não habita em apenas um lugar, nem se alimenta de uma única espécie de planta ou animal, não é limitado pela terra, ar, ou mar, e nem mesmo o não ser lhe impõe barreiras, pois o homem cria, do nada, o ser.

Ao exercitar sua mente, movimento que lhe é inherente – o que por si só mostra-nos a absurdade de um ‘homem das cavernas’, semelhante aos animais –, o animal excelsa conclui facilmente os movimentos básicos de sua gênese “Bendize, ó minha alma, o Eterno: ‘SENHOR, meu Deus, Tu és deveras grandioso! Estás vestido de majestade e magnificência! Vestido de esplendorosa luz, como num manto, Ele estende os céus como uma tenda’³. Assim como a mão criadora é visível pela mente humana, as pegadas são visíveis pelos olhos. Vejamos como exemplo a descrição pós-diluviana da Tábua das Nações⁴ encontrada em Gn 10.

Eis a descendência de Sem, Cam e Jafé, filhos de Noé.

*Os filhos deles nasceram depois do Dilúvio. Estes foram os descendentes de Jafé:
Gômer, Magogue, Madai, Java, Tubal, Meseque e Tiras (...) Estes foram os*

¹ Oxford Advanced learner's dictionary, 2010.

² Berozo (III a.C) foi autor da *História da Babilônia*, Manetão (III a.C), escreveu a *História do Egito*, Nicolau de Damasco (I a.C) foi biógrafo e amigo pessoal de Herodes (o Grande), escrevendo a *História Universal*, e Flávio Josefo (I d.C) é autor da *História dos Hebreus*, intitulada *Antiguidades Judaicas*.

³ Versos 1 e 2 do Salmo 104 nomeado “O esplendor da criação”. Nesse salmo, Davi descreve o *cosmos* e sua origem com constatações criacionais semelhantes ao Timeu (Platão), ou sendo mais preciso cronologicamente, Timeu mostra em sua composição a semelhança para com a Torá em diversos momentos, como aqui no Salmos (ver nota).

⁴ Também chamada algumas vezes de “Tabela das Nações”.

descendentes de Cam: Cuxé, Mizraim, Pute e Canaã (...) Estes foram os filhos de Sem: Elão, Assur, Arfaxade, Lude e Arã.

Aqui, o autor do Gênesis faz o registro histórico das civilizações primeiras que habitaram a Terra, registro esse que inclusive é a base para a descrição preciosa feita por Flávio Josefo em sua obra Antiguidades Judaicas⁵, onde o autor descreve inclusive a movimentação geográfica de cada um dos netos de Noé e, em seguida, quais idiomas e nações foram fundados por esses “pais da humanidade”.

Ao baixar as vistas às pegadas ou elevar os olhos aos céus, a conclusão inteligente (SI 53.2) é sempre apenas uma

‘Afinal, o deus quis que todas as coisas, na medida do possível, fossem boas e não más. Assim ele tomou tudo que era visível e constatando que não se encontrava em repouso, mas em movimento discordante e desordenado, trouxe-o de um estado desordenado a um ordenado, considerando a ordem em todos os aspectos melhor do que a desordem’. Timeu, Platão.

A verificação constante do diálogo entre Sócrates, Crítias, Timeu e Hermócrates é impressionante não quando se lê sobre a História Universal, mas quando atendo-se à mentalidade moderna-atéísta, constatamos que há mais de dois mil anos a filosofia helênica já dava conta da obviedade (e mais, obrigatoriedade!) do mundo organizado por meio de uma Inteligência moveante (voltaremos ao *Timeu* ainda nesse capítulo).

Sendo, portanto, uma consequência do pensar o constatar a ação criadora do Ser Primeiro, e cientes da definição do termo “religião” que abriu esse trecho parte de nosso exaustivo estudo da História da Igreja, podemos avançar concluindo que “o homem sempre concluiu a existência da divindade, e sendo ela divina o homem a honrou e temeu, o que por sua vez significa que desde os primórdios o homem foi religioso”. E sendo religioso, não foi apenas “temente” mas “de fazer temer”, e a esse serviço que podemos chamar culto, o homem (podemos aqui adjetiva-lo “adorador”) organizou-Lhe serviço e sistema conversor de novos servos e corpo doutrinário para prestação correta da devoção. Veja que temos aqui três elementos base da constituição da religião:

- Identidade divina: o nome e o poder da divindade;
- Culto: a cerimônia de prestação de honra e glória à divindade; e
- Doutrina: o compêndio de conhecimento relativo à forma de adoração da divindade.

Assim, temos ao longo da História diferentes deidades, cultos e doutrinas, porém o estudo da História das Religiões nos mostra uma completude curiosa quanto à raridade dos três campos de composição da Religião aparecerem unidos em forma sistêmica. Observemos de forma a ilustrar nosso estudo o que aconteceu nas civilizações antigas do mundo mediterrâneo. A Tábua das Nações conta que os descendentes de Sem habitaram a costa mediterrânea na Ásia Menor, onde hoje encontra-se a Pérsia e o Irã, tendo o Golfo Pérsico no limite sul e a Armênia ao norte. Nessa região originaram-se os povos Semitas, dentre os quais os acádios (babilônios e sírios), honrados com grandes líderes como Hamurabi, Tiglate-Pileser I e

⁵ Traduzida no Brasil por vezes com o título “História dos Hebreus”. O trecho relativo à descendência de Noé encontra-se no Livro I, Capítulo 6 (122).

Nabucodonosor; os arameus (ou siros), comerciantes portadores da cultura de muitos povos, foram os dominantes no séc. IX a.C; e os israelitas, povo de origem semita tanto racialmente, quanto ao idioma e geografia. Em meio a essas diferentes civilizações encontramos muita história, cultura, ruínas e religiosidade, porém apenas uma Religião, o judaísmo. O mesmo pode ser visto estendendo essa análise a toda a linhagem dos filhos e netos de Noé, que não obstante terem sido férteis e produtivos nas diversas ações humanas, não desenvolveram a despeito de sua religiosidade (a qual já vimos, é inerente ao homem), uma sistematização dos três aspectos acima listados: deidade, culto e doutrina.

A consequência inevitável no aspecto religioso quanto à ausência da Religião se dá em forma análoga ao que ocorre no aspecto cultural na ausência da Escrita: ocorre o desaparecimento⁶. Todos os povos que desprezaram a Escrita em detrimento da Oralidade, tiveram sua cultura apagada com o tempo e redescoberta na Era Moderna por povos de tradição escrita. Assim, temos hoje a história das populações indígenas da América do Sul preservada graças ao trabalho intelectual de portugueses e espanhóis, da mesma forma são os norte-americanos os responsáveis por preservar a história de seus povos indígenas. Não por outro motivo a consequência do desaparecimento da oralidade se faz presente na religiosidade egípcia, assim como babilônica ou assíria, todas encontraram seu fim com a instituição da Religião Cristã⁷.

Até o surgimento do Cristianismo apenas a civilização judaica possuía uma Religião *lato sensu*. O que se verificava fora da nação hebraica era apenas religiosidade, ou seja, a expressão do homem *em busca de uma realidade imaterial da qual ele apenas tem lampejos, ou nas palavras do apóstolo Paulo:*

“Deus assim procedeu para que a humanidade o buscasse e provavelmente, como que tateando, o pudesse encontrar.” – At 17

O que os hebreus fizeram mil e quinhentos anos antes de Cristo, por Moisés no Monte Sinai, foi um trabalho sem igual não apenas no tempo de até então como sem igual também após a vida do patriarca. Veja que a Lei de Moisés (que vai muito além dos 10 Mandamentos) foi revelada e organizada em apenas uma geração no deserto, enquanto a Igreja Cristã necessitou da Revelação encarnada (Jo 1), apostolado *post-resurrexto* (I Co 15), três séculos de redação e formatação do cotidiano da Igreja (I Tm 3.14,15), sem nos esquecermos de que sendo a Igreja coluna e sustentáculo da verdade, cabe a ela continuar vigilante quanto à preservação do depósito evangélico que lhe foi entregue, até o fim dos tempos (Ap 3.10).

A filosofia e a fé

Já discorremos por diversas vezes ao longo de nosso curso a respeito de como a relação de busca da criatura para com o criador é inerente ao viver do homem, também já está evidente que nunca houve ao longo da História a paralaxe cognitiva que se tem hoje pregando-se que a religião é o agente anestésico das camadas mais pobres da sociedade, agindo com a funcionalidade da cenoura em frente ao asno, muito ao contrário, percebe-se que não apenas os reis eram autoridade máxima de suas nações junto aos sacerdotes – e isso tanto nas civilizações mesopotâmicas há cinco milênios como na França há pouco mais de dois séculos –, como a religião não era um agente desestimulante, mas a razão mesma de toda a ação

⁶ Timeu 23c.

⁷ O próprio culto à deusa Ísis foi abandonado com a ascensão do cristianismo no Império Romano, quando os isíacos (grupo organizado de adoradores de Ísis) foram engolidos por um culto mais organizado, uma doutrina que contava com alta carga de filosofia e autoridade (Mt 7.28), e uma Igreja presente em todo o Império – e além.

fisiológica (alimentação, sexo, sono), trabalho, guerra, fertilidade (animal e vegetal) e qualquer outro movimento humano como o ato de se deitar ou se levantar.

Não é difícil fazer constatações desse teor, sequer é necessário recorrer a textos apologéticos e muito menos a escritos religiosos, basta-nos a história humana em seus diferentes registros, – escritos, ruínas, registros pictóricos, moedas etc. –, como se vê, por exemplo, na filosofia quando em seu auge, na Grécia Antiga, encontrou em Sócrates o texto que chegou a nós como o [diálogo] *Timeu*⁸.

Nesse texto que se dá após a reunião de *A República*, Sócrates, Crítias, Timeu e Hermócrates entram em um novo diálogo em que Crítias passa a contar uma história transmitida de geração em geração em sua família:

No Egito, na região do Delta em que a corrente do Nilo divide-se em duas no vértice do delta, há uma província chamada Sítico, cuja cidade principal é Saís. Dizem que quem fundou essa cidade é uma deusa cujo nome egípcio é Neith e, em grego, Atena.

E prossegue

O testemunho de Sólon é que quando visitou essa cidade foi acolhido e aclamado com elevada estima por esse povo. Ademais, quando teve oportunidade de fazer perguntas a seus sacerdotes detentores do maior saber antigo, descobriu que tanto ele próprio quanto qualquer outro grego ignoram tudo acerca desses assuntos.⁹

O que temos nesse relato é a descrição de um grego que, chegando junto aos sacerdotes egípcios, passa a contar-lhes acerca dos mitos criacionais helênicos como o de Foroneu considerado como que um primeiro Adão, e Deucalião e Pirra, que se salvaram do dilúvio provocado por Zeus quando este se decidiu a destruir a Terra com água, para pôr fim a seu projeto de criação dos seres humanos. Ao descrever os mitos gregos, conta Crítias que

Um dos sacerdotes disse: “Ó Solon, Sólon, vós gregos sois sempre crianças... Não há essa coisa de um grego antigo”.

O Timeu se lança então na exposição de que importa não a busca pela compreensão do gênesis, mas do poder formador dos gênesis. E é aqui que o diálogo trazido por Platão se faz excelente, ao revelar a nós, e principalmente a nós leitores modernos pós-utilitaristas, que entender *theos* não é matéria de religião – e nem mesmo de cunho religioso –, mas sim exercício de lógica.

Penso que temos que começar com a seguinte distinção: o que é aquilo que sempre é e não tem vir a ser e aquilo que é vir a ser e jamais é?¹⁰

A discussão que se repetirá em Aristóteles quanto a Ato e Potencia, no Timeu nos é revelada que se trata não de uma criação aristotélica, mas de um pensamento corrente no campo filosófico com relação a Tempo (passado e futuro) e Realidade (o que é e o que ainda não é).

⁸ PLATÃO. Diálogos Platônicos V. *Timeu*. Edipro. São Paulo, 2010.

⁹ *Timeu*, 21e, 22a.

¹⁰ *Timeu*, 28.

Ao longo dos séculos muitos estudantes do Timeu ergueram a crítica de que, na verdade, Platão se baseou na Teologia Judaica para escrever o diálogo, e que tudo o que está exposto não é nada mais nada menos do que o Gênesis de Moisés quanto aos mitos criacionais, e a revelação de YHWH quanto à discussão filosófica de *ser e vir a ser* refletindo a aparição de YHWH a Moisés na sarça ardente. Entendemos, porém, que essa crítica ainda que venha no afã de defender as Escrituras e sua precedência na discussão filosófica da *origem, existência e criatividade*, não tem outra consequência que senão retirar do Cristianismo (e nesse caso, do Judaísmo primeiramente) a grandeza de que a Escritura não trata de mitos religiosos, mas de lógica. Entender a superioridade de as discussões doutrinárias da Igreja serem não de ordem religiosa, mas lógica, necessita primeiramente que o leitor entenda a precedência do pensamento em relação à religião.

O homem, antes de ser religioso é inteligente. Até mesmo porque a compreensão do Outro precisa ser precedida pela capacidade de compreender. Só alcança o que lhe é externo aquele que tem capacidade sensorial¹¹ e cerebral para transformar sensações em imagens mentais, para utilizarmos aqui uma expressão platônica. Assim sendo, ter os assuntos do Deus relacionados à religiosidade, ou à uma religião, reduz a potência da questão assim como sua abrangência. Se Deus é matéria apenas de fé, então aqueles que são inteligentes mas não tem fé não podem comprehendê-lo? Se Deus é, Ele não pode ser comprendido apenas pela fé, mas precisamente por sua realidade deve ser constatado. Após essa constatação inteligente, crer n'Ele passa a ser uma opção por parte dos seres humanos, que ausentes de fé não podem agradá-Lo (Hb 11.6).

Timeu, personagem do qual se diz ser o mais excelente em matéria de Astronomia¹² – compreensão do Universo organizado, o *kosmos* – concluirá no diálogo que “*aquilo que veio a ser, como dissemos, veio a ser necessariamente por ação de alguma causa. Ora, constitui uma tarefa e tanto descobrir o criador e pai deste universo, e mesmo que eu o descobrisse, anunciará-lo a todos seria impossível*”¹³. Timeu entende a questão lógica, tudo o que existe precisa ser criado, e aquilo que é criado não pode sê-lo senão por algo que não lhe seja semelhante. As pedras não podem ser originárias das pedras, mas apenas reproduzidas por elas. Da mesma forma as espécies vegetais e animais, podem (e devem) ter capacidade reprodutiva, mas jamais serem a origem de si mesmas pois a isso se dá o nome reprodução e não criação. Forçosa é a figura paternal, criadora, originária que ao ser encontrada constituirá na compreensão do que é o “criador e pai deste universo”, nas palavras de Timeu.

Os cuidadores da vinha de Deus

No início de nosso curso lemos o Evangelho de São Mateus, no capítulo 21, quando Cristo conta a parábola dos vinhateiros homicidas (v. 33ss). Naquele texto, Jesus revela que seu Pai escolheu a descendência de Abraão para cuidar da vinha até o fim dos tempos, porém os judeus não trabalharam e, pelo contrário, saquearam a vinha matando os enviados pelo Senhor da vinha, incorrendo até mesmo no assassinato do próprio filho do Senhor da vinha, o “Herdeiro”, como diz a Escritura nessa passagem. Os judeus, ao longo de todo o Velho Testamento, enquanto YHWH se fez presente na Terra por meio de sua habitação em

¹¹ O que falta justamente àqueles que são portadores de síndromes que ocasionam distúrbios mentais que prejudicam a capacidade de percepção do meio, ainda que tendo os cinco sentidos sensoriais em funcionamento perfeito. A criança portadora de autismo, por exemplo, preserva intacto o olfato, audição, paladar, tato e visão, mas mesmo assim tem dificuldade (ou até incapacidade, em casos graves) de reunir as sensações no cérebro e formar a imagem do meio, assim como de sentir (emoções) em correspondência a essa imagem.

¹² Timeu, 27a.

¹³ Timeu, 28c.

Jerusalém, foram desobedientes e rebeldes, e mataram os profetas (Mt 23.37), como mataram também o Herdeiro do Senhor (At 2.36). Porém, os mesmos desobedientes e rebeldes foram os responsáveis pela formação da única Religião que perdurou ao longo dos primeiros milênios, quando o Judaísmo se utilizou da tradição oral e da escrita, constituindo textos sagrados que ordenavam todos os aspectos sociais e teológicos da relação de Israel com YHWH (Gn 32.23-33), a relação de quem luta contra Deus e prevalece, sendo ferido, mas não morto, tendo de permanecer até o fim andando com dificuldade.

Até o surgimento do Cristianismo, e posteriormente do Islamismo, foi o Judaísmo a Religião dominante, e essa realidade fez o povo judeu ser admirado ao longo dos séculos tanto por gregos quanto por bárbaros. Foi a disparidade entre o Judaísmo e as demais fés que fez com que Ptolomeu Filadelfo rogasse que Jerusalém enviasse sábios judeus a Alexandria com o fim de traduzirem a Torah, do hebraico para o grego; essa mesma compreensão quanto à complexidade do Judaísmo ante o paganismo, fez com que os romanos durante toda a dominação do Império greco-romano respeitassem o direito ao culto por parte dos judeus, com exceções que se revelavam como isso mesmo, exceções históricas, e por fim, quando Deus aparece ao Imperador Constantino e lhe entrega o símbolo da vitória na Batalha da Ponte Mílvia, o Cristianismo é evidenciado como uma fé sem igual em um Deus sem igual.

Falar de Religião é falar da fé no Deus de Abraão, Isaque e Jacó. As três Religiões do mundo compartilham da fé no mesmo Deus, e utilizam-se das mesmas ferramentas componentes (listadas acima), o que faz claro o abismo existente entre as manifestações de fé espalhadas pelo mundo e a Religião, principalmente quando se atenta para os aspectos únicos do Cristianismo, a única Religião que tem uma Igreja, que é sua coluna e sustentáculo (I Tm 3.14). Quanto a isto não é necessário nos demorarmos aqui, pois é a própria razão do estudo aqui presente.

Conclusão

Em sua obra *A cidade de Deus*, Santo Agostinho comenta a obra *Metamorfoses*, do platônico Lúcio Apuleio (125 – 170 d.C), onde se encontra a história de Lúcio, um curioso inveterado que obstinado a conhecer as artes mágicas acaba por transformar-se accidentalmente em um asno¹⁴. A partir de então a história do autor latino passa a ser conhecida por “o asno de ouro”, e nela encontramos uma incrível história que proporciona ao leitor a aproximação para com a cosmovisão greco-romana. Cito aqui um trecho que, dada sua utilidade para a matéria de nosso estudo, me obrigo a repetir ainda que seja longo. Segue:

"Havia em certa cidade um rei e uma rainha. Tinham eles três filhas de conspícuia beleza. No entanto, as mais velhas, por mais agra dáveis que fossem à vista, não tinham, ao que parecia, nada que o humano louvor não pudesse condignamente celebrar. A mais moça, ao contrário, de beleza tão rara, tão brilhante, tinha tal perfeição que, para celebrá-la com um elogio conveniente, era pobre demais a língua humana. Gente do país e do estrangeiro, todos aqueles que a fama de espetáculo tão único congregava em multidão, imóveis e curiosos, permaneciam atônitos de admiração por essa beleza sem igual, e, levando a mão direita aos lábios, pousavam o índice sobre o polegar erguido. Devotavam-lhe a mesma adoração que à própria deusa Vénus. Já nas cidades vizinhas e nos campos circundantes, espalhara-se o rumor de que a deusa nascida do seio azulado dos mares e formada do orvalho da

¹⁴ O asno em que se transforma Lúcio é uma besta de carga, o que em nossa cultura seria um burro.

vaga espumejante, dignara-se tornar acessível seu poderio e misturar-se à sociedade dos homens. A menos que as gatinhas celestes tivessem feito germinar uma nova Vênus, enfeitada com a flor da virgindade, não das ondas, mas da terra.

Foi assim que a crença ganhou terreno, dia a dia; de uma ilha a outra, depois no continente, e de província em província, a fama se estendeu e propagou. Numerosos foram os mortais que, empreendendo grandes viagens e longínquas travessias, afluíram para ver a gloriosa maravilha do século. Em Pafo, em Cnido, na própria Citera, nenhum navegador aportava mais para contemplar a deusa Vênus. Seus sacrifícios foram relaxados, os templos estavam-se derruindo, enxovalhavam -se os nichos, ficavam as imagens sem coroas e as cinzas frias maculavam os desolados altares. Era à moça que dirigiam as preces, e era sob os traços de um ser humano que imploravam mercês da augusta divindade. Quando, pela manhã, aparecia a virgem, era de Vênus ausente que se invocava o nome propício, oferecendo-lhe vítimas e festins, e, quando ela atravessava as praças, o povo se apressava a adorá-la com coroas e flores.

Esta extravagante transferência do culto celeste para a virgem mor tal incendiou de veemente cólera o ânimo da verdadeira Vênus. Ela não pôde conter a indignação. Sacudiu a cabeça, fremente, e falou:

'Então, a mim, antiga mãe da Natureza, origem primeira dos elementos, nutriz do Universo, Vênus, reduziram-me a esta condição de partilhar com uma mortal as honras devidas à minha majestade! E meu nome consagrado no céu é profanado pelo contato com impurezas terrestres. Será preciso, aparentemente, na comunhão equívoca das homenagens prestadas ao meu nome, ver a adoração me confundir com uma substituta? Aquela que por toda a parte apresentará minha imagem é uma moça que está para morrer. – Apuleio. O asno de ouro, Livro IV, 28-30

O motivo da reprodução dessa extensão de texto é que nela encontramos diversos elementos que nos ajudam a entender a religião na era pré-cristã. Quando Agostinho comenta no Livro VIII, Capítulo XII “Apesar de pensarem com acerto sobre o Deus Uno e verdadeiro, os platônicos supuseram que se deviam sacrifícios a muitos deuses”, o bispo de Hipona tem em mente (podemos dizê-lo pois está claro em sua apologia ao longo do primeiro volume de *A cidade de Deus*) trechos como o destacado acima, onde lemos sobre uma moça que de tão bela é tida como sendo a encarnação de Vênus (*[...]feito germinar uma nova Vênus, enfeitada com a flor da virgindade, não das ondas*). Aqui vemos a mentalidade politeísta helênica, que em diversos aspectos se assemelha à egípcia, onde há sempre um absoluto focal para cada elemento, material ou sensorial, representado por uma identidade (deidade). Assim, os rios se originam de um deus-rio (Oceano na mitologia grega, Hapi para os egípcios), a morte de cada ser originava-se em uma morte-mãe (Tânatos para os gregos e Anúbis para os egípcios), a beleza seria originária daquela que é plenamente bela (Afrodite para os gregos, Vênus para os romanos e Hator para os egípcios) assim em diante. Ocorre, porém que a plenitude da representação não pode ser personificada por um ser criado pois teríamos então um caso de blasfêmia, que é o que se vê exatamente no asno de ouro, quando Vênus vê que a humanidade passa a enxergar na jovem virgem a representação que só à deusa pertence (“*Então, a mim, antiga mãe da Natureza, origem primeira dos elementos, nutriz do Universo, Vênus, reduziram-me a esta condição de partilhar com uma mortal as honras devidas à minha*

majestade!"). Tal consideração por parte dos homens é uma afronta à deusa, e daqui podemos ver que ainda que politeísta, os helênicos não admitiam a blasfêmia, exigindo sempre que os deuses permanecessem espírito, sendo ao campo material exclusivo o serviço aos deuses representado no culto e na veneração.

A mentalidade religiosa na era pré-cristã não trabalhava com a representação humana do divino, apenas com a representação imagética do espírito – como vemos na cena clássica de Atos 17. Assim, em Atenas todos os deuses eram representados em estátuas, sem jamais ter-se por esse motivo a idolatria, pois à imagem não se devotava adoração, mas representação do deus adorado.

No judaísmo a imparidade se dá em que YHWH não pode ser representado por imagem, tanto por faltar ao homem a imagem relativa como pela impossibilidade de representar materialmente a plenitude de todas as coisas. Como seria uma imagem fiel à figura de YHWH sendo ele Belo, Supremo, Onisciente, Onipresente e Criador de todo o mundo físico? Qualquer representação material do Deus de Israel é falsa pela própria natureza do mundo físico. Daí ser para o judeu proibida a representação física de seu Deus, pois ocorreria sempre em blasfêmia para com a Verdade.

É nesse mundo que nascerá o Salvador, nesse meio se dará o nascimento daquele que foi verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem (Catecismo, 483). Fica claro agora, com a formação do imaginário da era pré-cristã entender por que ao ouvir Cristo dizer “Eu e o Pai somos um”, os judeus terem apanhado pedras para apedrejá-lo (Jo 10.30-33).

Vejamos no próximo capítulo o que esses judeus zelosos da Promessa esperavam.

Fernando Melo
Brasília, 16 de fevereiro de 2022